

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde Class.: 1502
 Data: 24.07.89 Pg.: _____

Cidade

A apenas duas horas do centro da cidade, uma aldeia indígena sobrevive e mantém suas tradições.



A aldeia: casas de pau-a-pique e as hortas de milho e mandioca.



As crianças, vulneráveis às doenças dos brancos.

Índios da cidade grande. Ali em Santo Amaro.

Ali, as crianças não vão à escola porque o cacique não quer a influência dos brancos.

De cócoras, junto à casa de sapé, puxando e soltando a fumaça do cachimbo, o cacique Guira - Pepó espia o Sol entre as nuvens. Levanta o queixo e balbucia em guarani: "Aman'ar'im" (dia sem chuva). Sua mulher, Taindi e os sete filhos também estão ali em volta da fogueira, onde o feijão está sendo cozinhado numa panela. As filhas Pará, Potu e Arai preparam o caldo de mandioca.

O dia de Guira - Pepó e de outros 200 integrantes da aldeia transcorre sem pressa, ao contrário da cidade grande onde vivem. Estes índios que sobrevivem da pesca, do artesanato, do milho, da mandioca são paulistanos. A dois quilômetros daquelas terras queimadas pela geada — são 11 alqueires situados em um lugar chamado Barragem, perto do bairro de Colônia, na região de Santo Amaro — tem ônibus da CMTC que leva os passageiros em duas horas até o centro da cidade. Embora tão próximos "da civilização", vestindo "roupas de branco" (como eles próprios definem), a aldeia de Guira - Pepó mantém os seculares costumes dos guaranis.

Depois de 15 minutos de silêncio, entre o cachimbo e o sol, Guira — Pepó decide conversar. "Nosso povo já estava aqui, muito antes daquele Cabral." E vai logo avisando: "Os brancos sempre escrevem no jorani que índio é vagabundo. Mas índio não é vagabundo. Índio não quer ser escravo de branco". Cospe no chão e continua: "Trabalho de índio é viver solto na natureza".

Como a natureza

Os cabelos dos guaranis estão secos. As bananeiras também. O frio deixou a mata amarelada. A mesma palidez reflete-se nos índios. No inverno, o milho não cresce. E os homens e as mulheres encolhem-se diante das fogueiras. "Somos filhos da natureza", justifica o cacique. Tudo muito diferente da primavera. "Quando os pés começam a florir, é tempo de semear, de fazer casamentos. No verão, tem o batizado das crianças. Recebem o nome indígena."

Estes filhos da natureza têm dois nomes: o de branco e o de índio. Cacique Guira - Pepó é chamado pelos brancos de José Fernandes Soares. Os sobrenomes são: Silva, Soares, Souza e Martins. Para todos eles, o que conta é o orgulho de ser guarani. Moço índio ou moça índia que escolhe uma branca ou um branco para se casar tem que deixar a tribo. "Só quem é guarani, sabe respeitar a tradição", insiste Guira - Pepó.

Laura da Silva abandonou o nome indígena e a tribo quando, aos 15 anos, apaixonou-se pelo homem loiro de 46 anos chamado Boaventura. Conta: "Fui morar

com ele no Paraná. Ele queria mulher só para passar, lavar e cozinhar". Laura teve duas filhas: Simone de dois anos e meio, uma mestiça com cabelos loiros lisos e olhos puxados azuis, e a morena Adriana de um ano e meio. "Cansi de levar vida de branca e vim embora. Estou aqui morando com a minha avó. Vou pedir para o cacique batizar minhas filhas para elas serem índias também."

Guira-Pepó tem autoridade e respeito. Só ele pode batizar e fazer casamentos, indicar marido e mulher para os jovens e dar conselhos. "Índio ficou com muitos costumes de branco. Passou a beber cachaça e abandonar a mulher da aldeia para casar com outra. Antes, entre os guarani não havia separação. *Tinha mais respeito.*"

Casamento

Na aldeia — formada por 40 casas de sapé e pau-a-pique — as moças podem casar logo depois da primeira menstruação, entre os 11 e 15 anos, e os rapazes aos 18 anos. Pará ou Florinda da Silva tem 15 anos, veio de uma tribo guarani do Paraná. Quando viu Karai ou Pedro Soares, filho do cacique, sentiu vontade de casar. Pará é tímida e fala olhando para o chão: "Eu achei ele um rapaz bom...". Karai também gostou de Pará. Contou para o pai. Dois meses e meio depois, o cacique realizou o casamento na igreja, um galpão que tem no centro um "hambai", espécie de cruz feita com bambu que simboliza a salvação da vida.

Pará quer três filhos. Mas Karai discorda. Sonha com uma grande família: "Teremos dez filhos, muitos homens. E, se meu pai deixar, quero um dia ser cacique como ele". Karai construiu sozinho a sua casa: de pau-a-pique, sapé, uma esteira no chão e no centro um lugar para a fogueira. Há também pratos e panelas encostadas em um canto e roupas espalhadas.

Há casas ali com vestígios ocidentais, como sofás ou um armário com prateleiras. Mas não existe a preocupação de que cada coisa fique em seu devido lugar. Os guaranis dividem o espaço com os cachorros e as galinhas.

Karai logo disse a Pará: "Iaê derê" (gosto de você). O rapaz deixa claro: "Índio só faz lua-de-mel depois do casamento. 'Roau' (beijar) também só depois do casamento". As mulheres são vaidosas. Gostam de cortar o cabelo e ficam felizes quando os visitantes trazem vestidos coloridos. Usam apenas os adornos (colares, pulseiras) dos guaranis. Cuidam do trabalho doméstico, das crianças e ajudam o marido. Na maioria das vezes, aos 30 anos, elas já têm seis, sete filhos.

As crianças estão sempre

presas no colo da mãe por uma tipóia. Mamam o tempo todo. As mulheres não se preocupam em guardar o seio. O leite escorre e fica à disposição. Os pequenos estão sempre perto da mãe. Elas ficam paus no chão em fileira para ensiná-los a andar. As mães passam o dia cuidando da mandioca no fogo ou tirando piolhos da cabeça dos filhos. Distraem-se com a garotada correndo de um lado para outro. Honório Martins da Silva ou Karai tem oito anos. Como as outras crianças ele não vai à escola, diz: "O cacique não quer. Disse que escola só serve para ensinar coisas de branco".

Está frio. Os homens não se arriscam a sair de casa. Muitos ficam com o rádio de pilha na mão ouvindo, no último volume, as músicas do Trio Parada Dura, do Chitãozinho e Xororó e outras sertanejas. Mário da Silva ou Caraitucumbó está fazendo cestos para vender na praça da Sé quando o tempo esquentar: "Estes aqui custam 30 cruzados. Aqueles com tampa saem por 50 e tem arcos e flechas por 15. Mas tem muitas vezes que eu saio para vender e volto sem dinheiro para passagem". Caraitucumbó tem um violão pendurado na parede, "mas a mão está dura demais para tocar". Pede para os repórteres: "Só se vocês derem 10 cruzados pra mim buscar feijão e açúcar na venda". Caraitucumbó começa a tocar e explica: "Índio não sabe tocar como branco não. Tiro o som do meu jeito".

Os guaranis não estão com disposição para cantar. Não gostam do inverno. Reclamam da falta de cobertores, de comida, de roupas para as crianças, das doenças. "Tem um médico que ajuda muito o nosso povo. É um doutor que vem da cidade para trazer remédios", diz o cacique. "Eu também curo, mas não sei benzer doença de branco como sarampo e tosse comprida."

Fotografando os índios

O esforço dos guaranis em manter suas tradições em plena São Paulo impressionou o fotógrafo Ormuzd Alves, da Agência Estado. Há nove anos ele vem documentando a aldeia, o crescimento das crianças, as dificuldades, os rituais. "Fotografei crianças no colo de suas mães que hoje já estão casadas e com filhos." No primeiro dia em que viu os índios com roupas surradas, as mulheres sem dentes e as crianças com nariz sujo comendo com as mãos enfiadas nas panelas, Ormuzd avaliou: "Eu fiquei revoltado com aquela situação tão precária. Mas depois percebi o quanto eles eram ricos. Passei a observar o respeito que têm um pelo outro, a luta pelas tradições, o carinho com que se tratam. Muitas vezes, passam

horas em silêncio. Eles não precisam de palavras para se comunicarem. Basta um gesto, um olhar".

A aldeia na Barragem é ponto turístico. Dois ônibus com 75 crianças do Instituto de Educação "Costa Braga" param. Os in-

diozinhos cercam os visitantes, mas não se aproximam. Sabem que vão ganhar doces, presentes. Ficam esperando. Antes de entrar, a guia comenta para os alunos: "Vocês agora irão ver a realidade do índio brasileiro..." Cacique Guira-Pepó tem razão: "não

vai chover". Também a noite será boa. "zahi-eni" (sob o clarão do luar). A chuva, o frio incentivam os índios a beber: "Para chegar com Tupã na terra sem males é preciso estar com a alma sã", aconselha o cacique.

Leila Kiyomura Moreno